

Um novo Começo

A Consciência do Ser

“O homem comum fala, o sábio escuta e o tolo discute.”

Provérbio Japonês



AGRADECIMENTOS

Dizem que **“O universo sempre conspira a favor dos sonhadores.”**

Assim sendo, estou muito grato a todos os sonhadores que tiveram a coragem de expressar o que lhes vai na alma, através do grande canal energético de tudo “o que É”.

Este livro não seria possível, sem as pequenas manifestações quotidianas, que podiam muito bem ser caracterizadas como teorias da conspiração. Como eu acredito que nada acontece por acaso, paranóia, ou não, restou-me estar atento aos sinais emitidos pelo Universo e partir para esta grande aventura.

Dizem que **“Os últimos são sempre os primeiros.”**

Assim sendo, queria agradecer à minha companheira de alma Mafalda, que sempre teve a paciência de me ouvir e que sempre me incentivou.

A Jesus, Miguel, Gabriel, à minha família e antepassados, sem os quais este livro, jamais poderia ter sido escrito.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I

O NASCIMENTO	8
--------------	---

CAPÍTULO II

O 25º ANIVERSÁRIO	15
O ACIDENTE DO QUIM	17
O REGRESSO DO MIGUEL	18
A CONVERSA ENTRE PAI E FILHO	22

CAPÍTULO III

NO HOSPITAL	26
O REGRESSO AO HOSPITAL	29
O SONHO	32
A CONVERSA DA D ^a ELVIRA COM O QUIM E O MIGUEL	33
O ALMOÇO NO FONTELO	42
DE VOLTA AO HOSPITAL	47

INTROSPEÇÃO ACERCA DO SEU CORPO FÍSICO	48
EXERCÍCIO I	50
A CURA DO MIGUEL	55
EXERCÍCIO II	57
AS IMAGENS QUE CRIAMOS	58
A DECISÃO	62
O ÚLTIMO DIA NO HOSPITAL	71

CAPÍTULO IV

O EU SUPERIOR	72
O ENCONTRO COM O BRANCO	72
O TEMPLO	74
A PRIMEIRA SALA DO TEMPLO	77
EXERCÍCIO III	82
A SALA DOS ESPELHOS	83
O PRIMEIRO ESPELHO	88
O SEGUNDO ESPELHO	91
EXERCÍCIO IV	95
A TRIDIMENSIONALIDADE (A MAÇA)	95
REALIDADE E FICÇÃO	99
O TERCEIRO ESPELHO	101
EXERCÍCIO V	115
O QUARTO ESPELHO	126
O PRIMEIRO CAVALEIRO	144
O SEGUNDO CAVALEIRO	155
O QUARTO CAVALEIRO	165
O REGRESSO À CADEIRA DO HOSPITAL	189

INTRODUÇÃO

Certo dia, numa certa noite, num determinado momento, eis que tive a seguinte visão:

Encontro-me de férias numa casa à beira-mar, ali para os lados de Oeiras, com a minha companheira e com algumas outras pessoas que não consigo identificar. O dia está completamente limpo, sem nuvens, um autêntico dia quente de verão. Estou junto da janela da sala de estar, a apreciar a belíssima vista e a ouvir o som das ondas a bater na areia quente da praia. De repente, surge um feixe de luz que desce furiosamente do céu azul em direção à terra. Assemelha-se a um relâmpago, mas completamente vertical, caindo a direito e sem ziguezaguear. O raio, incrivelmente luminoso, penetra na areia da praia e ouve-se um grande estrondo, como se de um trovão se tratasse. Ainda em estado de êxtase, reparo que o céu se cobre de cinzento e começa a chover intensamente. O mar, que estava bastante calmo até agora, enfurece-se em questão de segundos. O horizonte enche-se de nuvens escuras, assemelhando-se a uma grande tempestade, dando-me a sensação de que estou a presenciar o início de um tsunami. Como parece que sou o único a presenciar tal facto, dirijo-me para os quartos e tento alertar todas as pessoas acerca do sucedido e do que prevejo que vai acontecer.

Estou bastante preocupado com o que presenciei, e a minha primeira intenção é ir embora daquele lugar o mais depressa possível. No entanto, há ainda toda a questão de logística, fazer as malas, arrumar todos os nossos pertences antes de sair. Volto à sala e reparo que a água do mar está a entrar pela casa dentro, através da porta do alpendre. Ninguém se mostra preocupado, comtemplam apenas o avanço das águas. A tempestade está cada vez mais forte. Resolvo sair de casa e vou até à rua, debaixo da chuva intensa.

Saio pela porta lateral e dirijo-me para a frente da casa. Ao virar da esquina, mais ou menos encostado à casa, eis que vejo um candeeiro de pé alto, com uma grande abóboda de vidro, onde posso ver quatro chaves penduradas no seu interior, que resplandecem numa luz brilhante e incandescente.

Ao olhar para o candeeiro, afirmo espantado e em voz alta:
AS QUATRO CHAVES DO CORDEIRO!

Esta visão poderia, e pode ser, um sonho comum, mas eu acredito que tudo o que é deste mundo deve ser observado, questionado, compreendido e experienciado pelo nosso ser, mesmo que não encontremos as respostas que procuramos nem compreendamos o seu significado. Agradeço que liberem a vossa mente de possíveis explicações que queiram dar a respeito. Apelo apenas à vossa parte inteligente, ao vosso espírito, que certamente irá assimilar estas palavras/visão, manifestando a sua verdade, sobre a qual não existirão questionamentos.

E assim é - **UM NOVO COMEÇO**

“Um Novo Começo” é uma proposta direta, desprovida de pretensão, a todos os Seres que estejam dispostos a enveredar por um novo caminho, ou novos caminhos, ou seja, um novo começo nas suas vidas, à procura da sua verdade. Temos o privilégio de viver num período de mudança, onde as “verdades” individuais e da humanidade estão a mudar a um ritmo acelerado.

Começar de novo implica uma tomada de decisão, uma vontade de mudar, uma ação. Esta tomada de decisão não é apenas sobre o que fazemos, mas essencialmente, sobre quem somos e em quem nos queremos tornar.

Sempre que nos propomos mudar, normalmente ficamos presos em justificações que não são mais do que a manifestação do “medo do novo”, que nos atormenta constantemente na nossa vida diária. Descobrir o novo implica uma morte anunciada do velho. Quero dizer com isto que o nosso passado deve morrer por inteiro. Estamos habituados a reagir, mais do que agir, e esta reação baseia-se sempre no nosso passado. Reagimos de acordo com os ambientes com os quais estamos familiarizados desde que nascemos. Somos seres condicionados e escravos deste passado, uma vez que o mesmo criou uma mecânica em nós, um conforto muitas vezes inquestionável. Embora nem sempre nos apercebamos, os nossos ancestrais também tiveram que mudar para permitir a nossa realidade de hoje em dia. Os nossos descendentes vão herdar as nossas mudanças e também vão testemunhar uma realidade completamente nova.

Não pretendo influenciar-vos relativamente ao futuro, já

que não faço a mínima ideia de como é que tudo vai ser, ou estar, nem é minha pretensão limitar-me ou limitar-vos com ideias, conceitos e verdades baseadas unicamente na minha perspectiva dentro da dualidade.

Os tempos são de mudança e precisamos de nos esvaziar de todo o conhecimento, pois este é passado e deve dar lugar ao novo. O velho apenas nos limita e encobre a luz do mundo novo, que se avizinha para todos aqueles que procuram a verdadeira liberdade de “SER”.

Ao longo do livro, sugiro ao leitor a realização de determinados exercícios, que o convidam a “crescer interiormente” e que podem contribuir para uma experiência bastante reveladora.

Para o efeito, no final do livro, encontram-se algumas páginas em branco onde pode assentar as suas notas e responder às perguntas formuladas nos exercícios.

CAPÍTULO I

O NASCIMENTO

Esta é a história da vida de dois irmãos gémeos que, aparentemente, nada têm em comum, a não ser os seus progenitores. Estou a falar-vos do Miguel e do Gabriel, que nasceram na pequena aldeia de Vila Cova de Tavares, concelho de Mangualde, distrito de Viseu.

Os seus progenitores, Manuel Rebelo Albuquerque e Joaquina Albuquerque, na casa dos 30 anos, são pessoas comuns, simples, do campo, embora já com alguma instrução escolar e com algumas posses herdadas dos seus familiares. O pai trabalha no campo, ajudado pela mãe, nas horas vagas das lides da casa. Para poder sustentar a família, o pai acumula ainda alguns biscates sazonais que vão aparecendo nas lides do campo. Sempre vai juntando uns trocos na altura da apanha da azeitona, das vindimas e da sementeira das batatas. A vida tem sido bastante exigente, pelo que o casal raramente sai da aldeia, a não ser para se dirigirem ao mercado, em Fornos de Algodres, onde podem vender alguns dos produtos que têm em excesso e comprar outros bens de primeira necessidade. Apesar de poderem viajar, pois têm algum dinheiro guardado, não o fazem, porque estão empenhados em manter a casa de família e, além do mais, estão a pensar em aumentar o agregado familiar. Os pais da D^a Joaquina ainda são vivos e moram todos na mesma casa. Estes já não ajudam muito nas lides do campo, mas vão fazendo o que podem.

A 5 de Agosto de 1968, logo pela manhãzinha, a D^a Joaquina, que já estava no final da gestação de gémeos, começou por sentir algumas contrações, pelo que alertou de imediato o marido, dizendo-lhe:

- Está na hora Manuel, vai chamar o médico e as parteiras, porque isto está quase e eles não vão querer esperar. A minha mãe

diz que isto vai ser rápido. Chama-a se faz favor, e pede-lhe para preparar as roupinhas dos bebés.

À medida que o tempo passava, as contrações intensificavam-se, e já surgiam de quatro em quatro minutos. Parecia que a barriga ia rebentar, já que tinha engordado pelo menos vinte quilos, com a gravidez. Pouco tempo depois já o quarto estava cheio de gente, que atrapalhava mais do que ajudava. Entretanto, o médico, que acabara de chegar, pediu para que todos saíssem, exceto as parteiras que iam facilitar o parto. As parteiras verificaram a dilatação e afirmaram que estava tudo bem.

Às 10:45 nasce, então, o Gabriel, nome escolhido pelo pai, em honra do Arcanjo Gabriel. Era um bebé forte, muito perfeitinho e com quase três quilos. Chorou de imediato e as parteiras, após o terem lavado, colocaram-no no colo da mãe ainda contorcida em dores. Ela olhou para ele e ficou bastante emocionada, sem conseguir dizer uma única palavra. O médico verificou o seu estado de saúde e tudo estava a correr dentro da normalidade.

Às 11:11, eis que o segundo bebé resolve nascer. As parteiras e o médico nem querem acreditar no que estavam a ver. O bebé era extraordinariamente diferente do primeiro, pois a sua pele era completamente branca, os olhos azul-celeste, já bem abertos e irradiava uma luz tal que iluminava completamente o quarto sombrio. A sua luz era de tal forma forte que incandescia os olhos de quem olhava diretamente para ele. Apesar do estranho ser que tinham entre mãos, as parteiras lá conseguiram limpá-lo e enrolá-lo numa toalha que minimizava a luz que emanava do seu corpo, branco como a neve. Ninguém naquele quarto estava preparado para o que estava a presenciar. Não sabiam o que pensar, nem conseguiam perceber o que estavam a sentir. A visão, apesar de bela, era um pouco aterradora, mas o sentimento ainda conseguia ser mais forte. Este pequeno ser irradiava um amor tal que, emocionalmente, lhes provocava um misto de tristeza e alegria jamais sentido por qualquer um deles. Ainda com algumas dores, e bastante fraca, a mãe suplicava:

- Eu quero vê-lo, deixem-me vê-lo!



Apesar das circunstâncias, as parteiras colocaram a criança junto do irmão, ao colo da mãe.

A mãe, ao olhar para o seu bebé resplandecente, em vez de ficar estarecida e desconfortável com a situação, o que seria de esperar, estava tranquila, num estado de pura perplexidade e contemplação, apesar de visivelmente fraca. Nada disse. Simplesmente olhava e limitava-se a sentir o seu Miguel, nome escolhido por ela, também em homenagem ao Arcanjo Miguel. Como estava exausta, física e emocionalmente, acabou por desmaiar durante alguns instantes. O médico e uma das parteiras tentaram reanimá-la. Finalmente acordou. Não esteve muito tempo inanimada, mas pareceu-lhe uma eternidade. Ela teve um sonho, com os seus bebés, e conseguiu perceber o que estava para acontecer. Estava cheia de medo mas, ao mesmo tempo, rendida com a tamanha beleza daquilo que tinha presenciado no sonho, ou na realidade onde tinha estado. Pareceu-lhe tudo tão real que se lembrava de todos os pormenores e, essencialmente, a última frase que o seu filho Miguel, o resplandecente, lhe disse:

- Não tenhas medo, este é o propósito. Eu conheço-te e tu conheces-me.

Entretanto, uma das parteiras correu a chamar o pai dos meninos, numa euforia tal que assustou todos os outros membros da família que se encontravam na sala de estar, que ficava ao fundo do corredor, perto da porta de entrada da casa. Imediatamente estes começaram a comentar que algo não estava bem, havia algo de errado e, claro está, começaram a dar asas à sua imaginação fértil em histórias de nascimentos que tinham corrido mal. Será que morreram? Nasceram deformados? Enfim, um corupio mental completamente despropositado e sem sentido. O pai, apesar das palavras incompreensíveis da parteira, que o preparava para aquele acontecimento estranho, conseguiu manter a calma e lá se dirigiu para o quarto. Ao entrar no corredor viu que uma luz intensamente branca saía das frestas da porta do quarto, iluminando o corredor. Muito devagar, e com o coração aos pulos, foi palmilhando o corredor em direção à porta, sem saber o que pensar e o que esperar. Estava paralisado junto à porta quando, após uma grande inspiração de ansiedade, resolveu entrar. A parteira tinha ficado junto dos familiares e tentava, a todo o custo, explicar o que se estava a passar. Como é que ela podia contar o inimaginável? Mais uma vez, muito foi dito, mas predominava, essencialmente, a imaginação fértil.

Quando o Sr. Manuel entrou no quarto, nem queria acreditar no que estava a ver, e dirigiu-se de imediato para junto da cama onde estava a esposa e os filhos. Incrédulo, e um pouco cambaleante, exclamou:

- Que mal é que fizemos a Deus, mulher?

- Tem calma Manuel, responde a D^a Joaquina. Nem tudo é o que parece e, além do mais, nós não fizemos mal nenhum a Deus. Ele já me disse, e mostrou que nos ama incondicionalmente, e que tudo isto tem um propósito. Temos que aprender a confiar e a lidar com a situação da melhor forma que conseguirmos. Sem medos e sem muitas eloquências mentais.

- Quem é que te mostrou? Deus? Perguntou o Sr. Manuel.

- Não! Foi o Miguel. Respondeu calmamente a D^a Joaquina.

- O Miguel? Questionou o marido, sem perceber que conversa era aquela.

Então a D^a Joaquina resolve tentar explicar, pelas suas palavras, um pouco do que tinha visto no sonho, para que o marido ficasse esclarecido e deixasse de questionar. O médico e a parteira coscuvilhavam num canto do quarto, o que deu um pouco de privacidade aos pais e às crianças.

O Sr. Manuel ouviu com muita atenção a conversa do sonho, mas continuava sem perceber nada. Pelo menos, não queria perceber, já que o que lhe vinha à cabeça era que a mulher só podia estar a ficar louca. Então, chamou o médico e perguntou:

- Doutor! É capaz de me explicar o que se passa aqui? Será que eu é que estou louco? Tem alguma explicação?

O médico, embora não tivesse nenhuma explicação plausível, lá respondeu, um pouco a medo, dizendo que casos deste género não eram muito comuns, mas que já não era a primeira vez que ouvia falar sobre crianças albinas, que nascem completamente brancas. Estas crianças têm falta de pigmentação, ou melanina, na pele, cabelos e olhos, fazendo com que a pele e os olhos sejam extremamente sensíveis à luz.

- O que me intriga aqui é a luz que irradia dele. Para isso já não tenho uma explicação. Os olhos azuis, e já abertos, também são bastante intrigantes.

A parteira interveio com o seguinte comentário:

- Ouvi dizer que os albinos são uma bênção de Deus, e que trazem muita sorte, quer para a sua família, quer para o mundo.

De facto, foi a parteira que acabou por dar a explicação mais próxima da verdade, embora se tenha baseado numa lenda popular, com algum fundamento, mas muito mal compreendida. Uma

coisa era certa, ninguém estava preparado para presenciar, e muito menos para compreender, o que se iria passar a seguir.

Sem nenhuma explicação, a luz do Miguel começou a ficar menos intensa e quase que desapareceu completamente, mostrando o seu corpinho de criança perfeitamente normal. Ainda não tinham passado uns trinta segundos quando a luz que o envolvia começou a intensificar-se de tal forma que se tornava quase impossível olhar diretamente para ele.

Quando deram conta, a criança encontrava-se a flutuar no meio do quarto dentro de uma bola de luz, que girava cada vez mais, no sentido dos ponteiros do relógio. Numa questão de segundos, a bola de luz implodiu, e depois explodiu, espalhando pelo quarto uma luz espiralada e colorida, como se tratasse de um raio de luz subindo em direção ao céu. O som da explosão mais parecia o de um relâmpago, que fez estremecer o quarto e a casa, assustando e deslumbrando, ao mesmo tempo, toda a família e ainda algumas pessoas que iam a passar na rua. Estavam todos bastante assustados e perplexos, exceto a mãe, que de alguma forma, sabia o que estava a acontecer. Ela confiava no sonho que tinha tido e simplesmente limitava-se a olhar para o Gabriel, que dormia ao seu lado como se nada tivesse acontecido. Quando o marido questionou a sua calma, esta simplesmente respondeu:

- Não tenhas medo, este é o propósito. Eu conheço-te e tu conheces-me.

O Sr. Manuel, perante a resposta da esposa, nada respondeu, e limitou-se a ajoelhar-se junto da cama e a desfazer-se em lágrimas, afagando a cabecinha do pequeno Gabriel. Naquela casa todos ficaram em silêncio durante alguns instantes, recolhendo-se cada um nos seus pensamentos e sentimentos de espanto, perante tamanho incidente.

Durante a semana não se falou de outra coisa, na aldeia. Contavam-se inúmeras histórias que em nada refletiam o que tinha acontecido. Já se falava em extra-terrestres, em monstros, em cas-

tigo de Deus e até que tudo não tinha passado de uma encenação.

Na casa dos Rebelo Albuquerque parecia que a vida tinha regressado à normalidade, não fossem as exigências naturais do recém-nascido Gabriel. O silêncio permanecia e as conversas limitavam-se ao desenrolar do dia-a-dia, sem grandes diálogos. Embora não tivessem esquecido o episódio do nascimento dos gémeos, havia qualquer coisa que os acalmava e que os deixava rendidos perante a situação. Sempre que eram questionados sobre o sucedido, apenas respondiam:

- Deus assim quis.

A serenidade do Gabriel parecia contagiar toda a gente. Era uma criança bastante calma, que se limitava a mamar e a dormir. Raramente chorava, a não ser quando tinha fome, ou quando uma ou outra cólica o afligia.

CAPÍTULO II

O 25º ANIVERSÁRIO

Estamos em 1993, dia do 25º aniversário do Gabriel, em pleno verão com um sol radioso. Este tornou-se num belo rapaz, com cerca de 1,80m de altura, pele morena, entroncado, cabelos pretos, mais ou menos compridos, e com uns olhos azuis brilhantes e penetrantes. Era um rapaz do campo mas, graças aos seus pais, teve a oportunidade de estudar e estava a concluir o seu curso de medicina na universidade de Coimbra. A sua infância correu dentro dos parâmetros considerados normais, para um rapaz nascido e criado num ambiente de aldeia. Os estudos corriam-lhe bem, sendo bastante aplicado e com boas notas. Sempre que podia, não se escusava a ajudar os pais nas lides do campo. Bem, a normalidade da sua infância e adolescência, era sacudida de quando em vez, por uma “intervençãozinha” do seu irmão Miguel. Até agora, não tinha pensado no assunto, nem lhe tinha dado grande importância. A paranormalidade existente, ou como lhe queiramos chamar, foi sempre encarada e mascarada no nome de Deus, dos anjos e dos santos. Foi criado segundo os trâmites da igreja católica, tal como os seus pais, cumprindo à risca todos os rituais e ensinamentos que lhe foram transmitidos.

Com algum cuidado, os pais tentaram explicar-lhe o que tinha acontecido no dia do seu nascimento, por volta dos seus catorze ou quinze anos, mas para ele nunca passou de uma bela história de encantar. A mãe também não lhe podia contar o sonho que tinha tido, porque este podia influenciar ou confundir ainda mais o seu filho. Ela confiava cegamente no que tinha visto, mas jamais poderia saber se era real ou não. “À seu tempo, ele vai perceber por ele mesmo”, dizia ela para os seus botões. O livre arbítrio é muito importante, e ninguém tem o direito de intervir na vida de alguém sem o consentimento do próprio.

São seis da tarde e a família está toda reunida para comem-

orarem o seu aniversário. Este decorre, como de costume, com todos sentados à mesa, a comer os petiscos típicos da aldeia, onde não falta o bom queijo da serra e o excelente vinho de produção caseira. Estão todos muito bem-dispostos e a conversa está muito agradável. Fala-se de tudo um pouco, mas as traquinices do Gabriel, quando criança, são aquelas que vêm sempre à memória, gerando momentos hilariantes e às vezes um pouco constrangedores.

Chega o momento do bolo e de apagar as velas. Ainda o Gabriel não tinha apagado a última vela, já se ouvia um bater frenético na porta de entrada, clamando ajuda. A mãe correu para a porta, onde encontra a vizinha do lado, ofegante e apavorada. Esta tenta acalmá-la e pergunta-lhe:

- O que se passa D^a Elvira?

A vizinha diz-lhe que o seu filho teve um acidente de mota e que está a sangrar muito da cabeça. Implora-lhe que o Gabriel o vá ver o mais depressa possível, pois sabe que está praticamente formado em medicina e a ambulância ainda demora a chegar.

Na sala ouviu-se perfeitamente o pedido de ajuda da vizinha. O Gabriel sai disparado, pega na sua mala de primeiros socorros e dirige-se para a porta de entrada. A vizinha, ao vê-lo, diz-lhe num tom apressado:

- Menino Gabriel é o Quim, ele está a perder muito sangue. O Gabriel corre, então, em direção à casa da vizinha, dizendo:

- Eu já venho, mãe. Vamos lá, D^a Elvira.

O ACIDENTE DO QUIM

A D^a Elvira morava sozinha com o seu filho, na casa do lado. Tinham-se mudado há pouco tempo. Com a morte do marido, esta decidiu sair de Lisboa e voltar para a sua terra natal. O filho tinha bastantes problemas de adaptação, já que estava habituado a viver na cidade, e as lides do campo não eram propriamente uma opção que lhe agradava. Como a mãe não tinha grandes posses financeiras, também não existiam muitas alternativas.

O Gabriel já se tinha cruzado algumas vezes com o Quim, mas as conversas foram sempre circunstanciais. Não simpatizava muito com ele, talvez por este estar quase sempre embriagado e mal-humorado.

Ainda não tinha entrado no quarto e já ele ouvia os gemidos de dor que vinham do fundo do corredor. Dirige-se imediatamente para a cama onde encontra o Quim, a contorcer-se com dores e com uma camisa enrolada na cabeça, para estancar o sangue.

O Gabriel tenta perceber o que se passou, enquanto vai tratando das lesões, que são bastante profundas. A D^a Elvira explica-lhe que o filho caiu de mota e bateu com a cabeça nos paralelos da rua. Ia muito depressa e sem capacete. Cheira imenso a álcool, pelo que já devia vir bêbado.

- Ele acaba de perder os sentidos, afirma o Gabriel, dando-lhe umas palmadas na face. Tenta reanimá-lo, mas em vão.

Passado alguns instantes, verifica que este já não respira. Tinha falecido, talvez devido a um derrame cerebral. A D^a Elvira, ao perceber que o filho morreu, entra num pranto tal que toda a vizinhança fica a saber o que se passou, de tão alto que ela gritava. Praguejava contra Deus, contra tudo e contra todos, tal era a sua dor e desespero.

A D^a Joaquina e as outras vizinhas correm para dentro de casa

e tentam acalmá-la, numa salinha de estar que ficava junto da pequena cozinha. Entretanto, tinha chegado a ambulância, mas já era tarde de mais para o pobre Quim. Para o Gabriel, esta situação estava a ser bastante penosa, devido à grande sensação de impotência, nunca antes sentida. Não podia fazer mais nada. Sentou-se numa cadeira, junto à cama, cabisbaixo e sem nenhuma reação.

O REGRESSO DO MIGUEL

De repente, dá um brutal salto da cadeira, bastante assustado. Vê que o Quim o agarrava no braço, com toda a força.

- Ele está vivo? Não é possível! Exclamou, com uma voz baixa e trémula, ainda não reposta do susto. Olha para o Quim e este parece querer balbuciar qualquer coisa, pelo que se aproxima para ouvir.

Ouve então a seguinte frase:

- Não tenhas medo, este é o propósito. Eu conheço-te e tu conheces-me.

Ao ouvir estas palavras, treme que nem “varas verdes” e quase cai estatelado no chão, sem perceber o verdadeiro significado do milagre que estava a ocorrer. Num impulso frenético, recompôs-se e, sem perder mais tempo, gritou:

- Ele ainda está vivo, ele está vivo! Chamem os homens da ambulância.

Por acaso, estes tinham ficado um pouco na conversa, para tentar perceber o que se tinha passado. Entraram apressadamente dentro de casa, colocaram-no na ambulância e transportaram-no, de imediato, para o hospital de Viseu.